



EXPRESSO/ACTUAL – 28 de Janeiro de 2006

LAVADO EM LÁGRIMAS

de Rosa Coutinho Cabral

Nesta história de uma jovem que se faz de muda para melhor calar as dores da existência, há uma vontade de inconformidade cinematográfica que diz bem qual a família fílmica que Rosa Coutinho Cabral quer reivindicar para si. Uma família em que Godard há de ser o sacrossanto patriarca – e **Lavado em Lágrimas** está polvilhado de não poucos efeitos que vêm em linha recta do autor de **Comment Ça Va** – cheia de cinefilia e de amor pelo plano, fazendo a narrativa ser apenas um constrangimento que não a ‘coisa’ que se busca. O drama há de, por isso, inferir-se mais do que definir-se, tal como os personagens hão de ser mais entidades a interrogar que a comunicar connosco. Nada de mal que alguém queira assim acolher-se a um tutelar parentesco, se não fosse o facto de haver modos fílmicos que morrem com quem os faz por serem tão pessoais que se tornam intransmissíveis. Acontece com Godard, como com António Reis ou Bresson... Rosa Coutinho Cabral não entendeu isso e **Lavado em Lágrimas** aparece como filme esvaído, uma maceração onde o sofrimento não chega a causar alvoroço no espectador, apenas um torpor de sensaboria. Releve-se a ‘presença’ de Rita Martins (a câmara gosta dela e ela gosta do olhar da câmara), mesmo se o que aqui faz seja insuficiente para saber se temos actriz. **J.L.R.**

